Ano XXIII — Lisboa, Janeiro de 1967 — N.º 261

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

BOA VONTADE

ALGUÉM teve a feliz ideia de dedicar um dia do último mês do ano à prática da Boa Vontade nos transportes colectivos. O pessoal desses serviços procuraria acolher os passageiros com um sorriso de simpatia, diligenciando ser cortês, compreensivo e prestável. Se, como afirma Kant, *«de todas as coisas que podemos conceber no mundo (...) nenhuma pode ser considerada como boa sem restrição a não ser uma só: uma boa vontade»*, forçoso é reconhecer que a prática generalizada de tão alto sentimento, ainda que seja num único dia do ano, é atitude que devemos saudar com entusiasmo.

É que evidenciar Boa Vontade constitui louvável afirmação de humanidade. Só o homem tem o privilégio do querer, capacidade para optar e escolher entre o bem e o mal; eleger; dominar ou dirigir os instintos, a animalidade que em si existe. Só ele pode inteligentemente seleccionar o caminho que deseja trilhar. Nem sempre, porém, o querer é virtude saliente em certas personalidades. Gente há de tão débil vontade que esta parece inexistente. Esses são os vencidos da vida, incapazes de lutar, presas fáceis de todos os vícios, instrumentos dóceis nas mãos dos espertalhões. Farrapos humanos, merecem apenas piedade.

Abundam, todavia, outros mais perniciosos. São os que hipotecam o querer aos interesses. Abdicam do que há de mais digno no homem, prostituem-se, colocando-se incondicionalmente ao serviço de vis propósitos desde que daí resultem benefícios de ordem pessoal; melhor lugar na vida; fatia mais grossa no partilhar do pão. O homem que vende a vontade cometeu o primeiro crime. A partir desse momento está pronto para todas as arbitrariedades, para agente de todas as vilanias. Vimo-lo comparecer no tribunal de Nuremberga e aí proclamar cinicamente a sua inocência porque se limitara a cumprir ordens.

Mas quando se apela para a Boa Vontade reconhece-se implìcitamente

Continua na pág. 7

22.º ANIVERSÁRIO

«**Sempre Pronto**» inicia agora o 23.º ano de publicação e comemora, portanto, o 22.º aniversário. Não podemos deixar de assinalar a data, porque o ano que agora vencemos foi dos mais difíceis para a sobrevivência do jornal. As dificuldades cresceram e pareciam difíceis de solucionar. Foi este o momento em que tivemos a satisfação de compreender que «**Sempre Pronto**» era tão apreciado entre os seus estimados leitores. Bastou uma breve suspensão para que tantos amigos manifestassem a sua simpatia por este trabalho e podemos afirmar que a dificuldade foi vencida mais pelos nossos colaboradores do que por aqueles que têm a responsabilidade de dirigir o jornal.

Ao iniciarmos o 23.º ano não podemos afirmar que a crise esteja resolvida. O número de patrocinadores tem aumentado e as novas assinaturas estão sendo pagas quase normalmente. É certo que alguns assinantes cancelaram a sua inscrição e temos sido forçados a anular outros porque julgam não dever pagar. Mas o seu número é reduzido e esperamos poder ganhar outros para compensar as saídas.

Não conseguimos ainda a renovação dos nossos quadros redactoriais, embora tenhamos novos colaboradores. Precisamos de ir mais além. É preciso descobrir jovens capazes de substituir aqueles que há 22 anos aqui trabalham. Um jornal, mesmo modesto como o nosso, precisa sempre de renovar os seus quadros. Este é um problema que terá de ser solucionado para garantir a continuação do jornal.

Entretanto, vamos prosseguir. Não o queremos fazer sem uma palavra de justo agradecimento para os nossos Patrocinadores, para os nossos generosos Colaboradores, Correspondentes e Assinantes em geral, aqueles que têm assegurado e certamente continuarão a garantir a publicação do seu jornal. Para todos o nosso reconhecimento.

UM MAGO DO CINEMA

por **António Álvaro Dória**

No mundo convulso em que vivemos, onde parece que de cada canto nos espreita o cano ameaçador de uma espingarda ou de uma metralhadora; onde as próprias palavras que andam no ar correm como flechas envenenadas dirigidas ao coração dos pobres seres humanos; onde a atmosfera se impregna cada vez mais de substâncias imponderáveis e letais; onde o Ódio campeia sem freio a incitar os homens a entredevorar-se; neste mundo dantesco que só tem símile no espantoso século V que viu esfacelar-se o Império Romano aos embates das hordas vindas das estepes geladas do Oriente, a Piedade, a Tolerância, a Caridade e o Amor foram vencidos pela Violência, de cuja caverna ela saiu em fúria nessa madrugada sinistra de 1 de Setembro de 1939 para não mais voltar a recolher-se no seu antro.

Para onde quer que nos voltemos, é o Ódio que se nos depara, de olhar chamejante e adaga ensanguentada em punho, prenhe de ameaças e prestes a dizimar ainda mais seres, imolados aos mitos da nossa idade, aos mitos criados por imaginações em delírio. A Razão, que há quase dois séculos alguns ingénuos idealistas elevaram aos altares em *Notre-Dame*, essa Razão, que devia nortear os actos dos homens e encaminhá-los para a única via digna de ser trilhada por todo o ser humano que vive e sente, em toda a sua extensão e profundidade, a sua dignidade de homem

Continua na pág. 2

UM MAGO DO CINEMA

Continuação da página anterior

— o caminho da colaboração com *todos* os outros homens para realizar o alto ideal duma civilização digna do seu nome e não mera ficção palavrosa — essa Razão, ia eu dizendo, desertou do Mundo. O Ódio é irracional. Fruto da sua irracionalidade é a tormentosa história do Homem desde a época recuada em que ele, ainda preso à sua animalidade, se abrigava em cavernas, até aos nossos dias, em que sulca os espaços siderais dentro de engenhos inconcebíveis pela mente dos homens do passado. E a sua trágica odisseia encontra-se esculpida nos baixos-relevos meio destruídos das ruínas das cidades orientais, nos frescos funerários do Egipto, nos arcos triunfais dos conquistadores romanos, como se fixou em milhentas páginas de tantos que, de olhar pávido ante os horrores inenarráveis das carnificinas de que foram testemunhas, as registaram para a posteridade. E em nossos dias, nenhuma obra é mais eloquente na frieza com que relata as cenas mais horríveis que se possam conceber, do que as actas do julgamento de Nuremberga e as do desse famigerado Eichmann. E quando um dia a luz potente e brilhante da Verdade puder ultrapassar a chamada «Cortina de Ferro», talvez seja possível ali encontrar paralelo em horror ao que se desprende das páginas a que acima me referi.

Sobre o mundo ainda hoje pairam as trevas com lampejos de sangue criadas por um Himmler, um Heydrich, um Beria, para que os homens se atrevam, sem nenhum receio, a encarar qualquer mancha, por vaga que seja, de brancura ideal que possa tentar penetrar dentro desse horizonte caliginoso que limita o alcance do nosso olhar. E quando tal coisa acontece, os homens olham-se espantados, perguntando-se se ainda será possível haver no mundo quem pense na Humanidade que não seja para a encerrar por detrás do arame farpado de um campo de concentração, ou para a reduzir de novo à escravidão do passado, ou para a destruir inexoràvelmente. Se outrora houve tantos espíritos abnegados, devotados ao bem-estar dos homens e não porfiados na busca de meios de os matar — uma Florence Nightingale, um Jenner, um Pasteur, um Henri Dunant, um Kock, um Laennec, para apenas me referir a alguns dos mais conspícuos que viveram nesse extraordinário século XIX — em nossos dias é escassa a coorte desses beneméritos, alguns deles talvez ainda receosos, como o ilustre Einstein, de que as suas descobertas sejam desviadas para fins diametralmente opostos àqueles que tais homens visavam alcançar.

Não me parece, porém, que apenas os sábios que nos laboratórios buscam o segredo da Vida para melhorarem a do Homem sejam dignos da gratidão e das bênçãos da Humanidade inteira. Homens há que, tão sòmente pelos esforços empregados em fazer crer aos seus semelhantes que a Bondade existe e deve cultivar-se para não deixar morrer a frágil flor da Esperança, merecem que os lembremos e lhes louvemos a obra, porque esta constituiu um contributo, mais ou menos profundo, para chamar o Homem à contemplação da sua Humanidade e fazê-lo esquecer a Animalidade ancestral.

Um desses homens a quem o Mundo deve estar grato acaba de morrer há poucas semanas no hospital de São José em Burbank (Califórnia) e chamou-se Walt Disney. Toda a gente, de um pólo ao outro, lhe conhecia o nome; eram, porém, em particular as crianças quem o adorava, apenas porque este homem soube pôr a sua arte ao serviço da Criança, distraindo-a com os seus admiráveis desenhos animados, e, assim, do Homem inoculando no coração da Criança, «pai do Homem», a semente da Bondade, que, germinando, floresceria e cobriria toda a Terra se o Ódio a não dominasse ainda quase totalmente. Esse homem, que conheceu de perto os horrores da guerra porque esteve em França em 1918 como condutor de ambulâncias da Cruz Vermelha, teve um dia a intuição, quase genial, de falar ao coração dos pequenos americanos e, depois, dos de todo o mundo, utilizando o cinema não como elemento capaz de distorcer e perverter a sensibilidade e, desta maneira, o coração dos jovens, mas fazendo-os rir por meio dos seus *cartoons*.

Apesar de ter tido uma infância, uma adolescência e uma juventude cheias de dificuldades e de sofrer a miséria dos que o mundo repele de si; não obstante haver sofrido na sua carne e na sua alma os tormentos que em um rapaz americano do 1.º quartel deste século deixavam sulcos indeléveis a explicar complexos de que raros foram capazes de libertar-se; a despeito de se ter visto, durante anos, sem um *cent* no bolso que lhe permitisse alimentar a esperança de dar início ao sonho que se lhe albergava no cérebro e no coração, esse homem, talvez recordado do famoso *If* de Kipling, teve a coragem de se levantar sempre que caía e de reconstruir uma vez e sempre o edifício derruído dos seus sonhos.

E quando um dia, relembrando uma velha canção de *nursery* ouvida na infância, idealizou e pôs de pé o hoje celebérrimo «Rato Mickey», abria, finalmente, as portas da celebridade e da fortuna, que durante tantos anos o haviam negaceado.

À sua alma cheia de bondade não bastava, porém, saber que os pequenos espectadores dos seus filmes se riam; algo de mais elevado se tornava necessário incluir nos desenhos animados que deveriam contribuir para tornar melhores os homens cultivando a Bondade no coração das crianças.

E deste pensamento generoso de Disney, que certamente fez sorrir com desdém os espíritos «fortes» e «superiores», desses «homens de bom saber» a que chocarreiramente se referiu o nosso Gil Vicente, por entenderem que *de minimis non curat praetor*, saíram essas obras-primas da arte do desenho, da arte do cinema e da bondade cordial que se chamam *Branca de Neve e os Sete Anões, Pinóquio, Dumbo, A Gata Borralheira, Alice in Cartoonland, Peter Pan, Mary Poppins* e tantos outros depois divulgados em revistas infantis e em livro.

Quem não tiver a sua sensibilidade embotada pela vaga de brutalidade e de grossaria que enche o Mundo de lés-a-lés, há-de, com certeza, penetrar no íntimo do autor desses filmes admiráveis, a que é forçoso acrescentar essa genial *Fantasia* e o não menos admirável *Deserto Maravilhoso*, em que Disney foca a realidade da vida bravia comunicando aos próprios seres inanimados uma sensibilidade que nada mais era do que o reflexo da sua própria.

Homem dotado de raro poder de energia, inquebrantável na luta pela vida, ele procurou, com os seus desenhos animados, insuflar no espírito dos seus juvenis espectadores essa lição de tenacidade, de resistência e de imbatível vontade de vencer de que ele próprio foi o exemplo admirável. Colheu-o a morte ainda em pleno trabalho preparando a adaptação aos *cartoons* do sempre famoso *Livro da Selva* de Kipling, conhecidíssimo dos Escoteiros de todo o mundo.

Caiu-lhe da mão o lápis mágico quando desenhava os episódios da vida do pequeno «Mowgli» que acompanhava a boa pantera «Shere-Khan». Ficaram mudos os animais da selva e o bom do «Baloo» deve ter-se sentido órfão mais uma vez, vendo que depois da morte do seu autor, o autor ilustre do Kim,

Continua na pág. 7

O «II Acampamento Internacional»,

organizado pelo Corpo Nacional de Escutas em Lourenço Marques, decorreu com todo o êxito

O Acampamento Internacional que o C. N. E. promoveu com êxito em Lourenço Marques, foi recordar aos antigos Escoteiros de Portugal ali residentes as actividades que há anos atrás ali se realizaram por iniciativa dos florescentes Grupos então existentes.

Estiveram presentes numerosas deputações dos Escoteiros da África do Sul e da Rodésia, que como os seus irmãos de Moçambique e ainda de uma Delegação da Mocidade Portuguesa masculina de Lourenço Marques, efectuaram diversas actividades e viveram dias de alegria e franca camaradagem entre rapazes de diversas raças e religiões.

Na cerimónia inaugural estiveram presentes as mais destacadas autoridades e individualidades da cidade, tendo sido trocadas saudações entre as diversas delegações presentes. A primeira mensagem foi a do chefe de campo, sr. eng.º Alexandrino Mendes de Almeida:

«Na beleza e grandeza deste espectáculo, é com imensa alegria que vos saúdo. Sede bem-vindos a este Jambori. Como chefe de campo espero que todos os exploradores, mantendo uma linha de conduta exemplar, sigam sempre as verdadeiras pistas da fraternidade.

«Que as vossas actividades aqui vos tornem mais fortes, física, moral e espiritualmente, para seguirdes a pista que mais tarde vos fará verdadeiros homens de bem.

«Que Deus vos conceda a graça de O servirdes para que vos dê forças para trabalhar generosamente e lealmente pelos supremos ideais: *Deus, Pátria e Família.*»

Em nome do chefe nacional (adjunto) do Corpo Nacional dos Escutas, sr. Manuel Ferrajota Rocheta, o Rev. Padre Luís Rodrigues Paulo leu uma mensagem especialmente redigida para a ocasião.

Ambas as mensagens foram traduzidas em inglês e lidas pelo explorador Alberto de Morais.

Referiu-se por último à formação da juventude, que hoje se impõe mais do que nunca, visto ser dela que sairão os responsáveis pela governação dos povos no futuro.

Seguiu-se o hastear das bandeiras dos três países presentes ao Jambori após o que os chefes dos contingentes sul-africano e rodesiano procederam à entrega de lembranças das suas terras aos representantes dos Escutas de Portugal.

O sr. Rf. Slater, da Rodésia, com os cumprimentos de Salisbúria, entregou uma bandeja de cobre polido com uma expressiva mensagem para os portugueses de Moçambique gravada a negro.

Seguiu-se o sr. Reg. W. Scott, da África do Sul, que afirmou ter sido incumbido de apresentar uma mensagem especial de simpatia, e como testemunho de boa vontade e amizade ofereceu uma lembrança. Tratava-se de uma pedra polida, arrancada a uma das minas de ouro do Transval.

Por último o chefe do contingente rodesiano, sr. Les Strafford entregou ao chefe de campo um escudo de armas, com uma afectuosa mensagem da sua gente não só para os escoteiros como para todos os Portugueses.

Durante o acampamento, realizou-se um desfile de todos os escoteiros pela cidade, que despertou o interesse da população, desfile de que a Rádio Televisão Portuguesa ofereceu significativas imagens aos telespectadores portugueses.

O acampamento foi encerrado em 17 do corrente, tendo as delegações estrangeiras regressado aos seus países, depois de terem feito entrega ao Presidente da Câmara Municipal de Lourenço Marques de recordações dos «Maiores» de diversas cidades da África do Sul e da Rodésia.

Campanha da Páscoa

CINQUENTA NOVOS ASSINANTES!

«Sempre Pronto» precisa de novos assinantes. Como é normal há sempre assinaturas canceladas em virtude de diversas circunstâncias. Precisamos de outras para compensar essa fuga. Por essa razão, o nosso jornal precisa de cinquenta novos assinantes. Número bastante diminuto se os nossos leitores nos quiserem ajudar numa activa campanha para angariação de novas assinaturas.

Para estimular essa campanha, teremos uma lembrança para todos os leitores que quiserem ajudar-nos. Para quem nos enviar uma assinatura, própria ou alheia, acompanhada da quantia de 30$00 para um ano, receberá o valioso manual escoteiro MAIS ALÉM, um livro que contém todas as provas de primeira classe, matérias que interessam não só a escoteiros como a toda a gente.

Portanto, se o leitor nos quiser ajudar angariando UM ASSINANTE para «Sempre Pronto» e nos enviar o seu nome acompanhado de 30$00 para pagamento do primeiro ano, até ao próximo Domingo de Páscoa, terá como lembrança dessa angariação o manual MAIS ALÉM, no valor de Esc. 12$50.

BOAS-FESTAS

Tiveram a amabilidade de nos dirigir o seu cartão de boas-festas e formular simpáticos votos para o Ano Novo, os nossos seguintes e dedicados amigos:

Srs. Alfredo Jorge Gallis, Álvaro Rodrigues, Avelino Rod. de Lima, Júlio de Almeida Nogueira e Luís Alves Miguel, de Lisboa. E. C. António Barbosa, José Luís Pinto Machado, do Porto. Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento. Francisco do Nascimento Pina, de Olhão. Justino Estêvão da Silva, sua esposa e filho, de Queluz. José Luís Carreiro e família, de Ponta Delgada. Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo. José Rana e família, da Guiné. António Augusto da Silva e Cunha, de Benguela. A. J. Brito, de Luanda. José D. Camacho, de Moçâmedes. Comissão Executiva do Círculo de Antigos Nadadores. Sr. António Pestana, do Funchal.

*
* *

E ainda os Srs. Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal; Manuel Lopes Peixoto e Victor de Lima e Santos, comissário internacional e comissário internacional adjunto do Escotismo Português.

A Junta Nacional do Corpo Nacional de Escutas, o Clã n.º 25, Bento de Góis, do C. N. E., dê Terceira, Açores. O Director da Repartição Mundial de Escotismo, de Otava, Canadá.

Os Grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 12 (Oeiras), 4 (Porto), 80 (Ponta Delgada), 93 (Sintra), 94 (Lisboa).

A todos estes nossos estimados amigos apresentamos os nossos agradecimentos, formulando idênticos votos.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A Arte e o Escotismo e a Arte no Escotismo

Que quadro de beleza excepcional o de um rapaz a procurar ser útil! Sim, porque o Escoteiro pratica o Bem não sòmente pelo sentimento do dever. O Escoteiro vai mais além: perscruta o horizonte, sempre pronto a acorrer aonde houver necessidade de auxílio. Não espera a oportunidade, procura-a. Enfim, o Escoteiro bem-faz ao próximo porque nisso sente prazer, isto é, a prática da Boa Acção deixou nele de ser um dever, para se tornar num sacerdócio. E ei-lo convertido no mais puro artista. No seu trabalho, ele é o paradigma e o autor, de um engenho tal que transforma a paisagem de sofrimento e de dor num quadro matizado com mestria, cheio de vida e de consolação.

É isto que é o Escotismo. É este o Ideal que os Escoteiros têm diante de si para delinear as suas vidas, ansiando, cada vez mais, assemelhar-se ao modelo de perfeição que tomaram para si.

O Escotismo é, pois, a escola de educação por excelência. Não se limita a cumprir um determinado programa; semeia no coração dos seus educandos um germe poderoso, capaz de os transformar nuns verdadeiros cidadãos, felizes e aptos a bem servir — uns verdadeiros artistas da Vida.

Assinantes Patrocinadores

O êxito da Campanha a favor de assinaturas de patrocínio é das mais interessantes iniciativas que «Sempre Pronto» tem promovido. Não nos referimos aos resultados materiais, embora estes sejam muito importantes e vitais para o jornal, mas antes ao que significa de estímulo para todos aqueles que lutam pela sobrevivência deste órgão escoteiro. É que não nos dirigimos, até agora, directamente a ninguém a fazer apelo à sua adesão e não há um único mês que não tenhamos a satisfação de registar o nome de novos Patrocinadores. Todos os nossos Patrocinadores se inscreveram espontâneamente, o que para nós representa uma manifestação de simpatia, que reconhecidamente agradecemos.

Este mês temos dois novos patrocinadores: Os nossos amigos srs. José Luís Pinto Machado, do Porto e Carlos Alberto Filipe, do Canadá, que nos enviaram as importâncias das suas assinaturas.

O sr. Prof. Dr. João Faria Lapa, que pertenceu a esse crisol escoteiro que foi o célebre Grupo 3 do Liceu Pedro Nunes, comunicou-nos que a sua assinatura de patrocínio passaria a ser de 100$00 anuais, importância que aliás nos tem enviado diversas vezes através do nosso colaborador sr. Simões Aurélio.

Também a sr.ª D. Maria do Carmo Martins, assinante que, nunca tendo estado ligada ao Escotismo, por diversas vezes tem expressado a sua simpatia pelo jornal, nos envia 50$00 da sua assinatura de patrocínio.

Muito obrigado a todos.

O INQUÉRITO DE

TERÃO APRESENTADO AO PRESIDENTE DA A. E. P. A VERDADEIRA SITUAÇÃO DESTA? MAS — O QUE É MAIS IMPORTANTE — TER-LHE-ÃO APRESENTADO SUGESTÕES REALIZÁVEIS PARA POR FIM A CRISE? — É A PERGUNTA QUE DE ANGOLA FORMULA O ESCOTEIRO-CHEFE ANTÓNIO AUGUSTO DA SILVA E CUNHA AO FAZER O SEU OBJECTIVO DEPOIMENTO NESTE INQUÉRITO.

Benguela, 11 de Janeiro de 1967, às 23 h. e 5 m.

...Companheiro e Amigo:

(...) Mas antes de responder ao questionário do «Inquérito», desejo felicitar o meu Amigo, bem como todos os que trabalham no «Sempre Pronto», não só pela oportunidade daquela iniciativa mas também porque continuam a «carolar» pelo Movimento, que tão falto está de teimosos da vossa têmpera. As minhas sinceras felicitações, portanto.

Respondendo, pois, por ordem dos quesitos:

1 — O problema é um tanto complexo, mas não devemos andar muito afastados da realidade se a ele relacionarmos, muito ìntimamente, a vaidade nata e comum de todos os Portugueses, que encontra no Escotismo o «grande inconveniente» do uso do calção e, consequentemente, o «ridículo» de exibir as pernas ao léu. Sei que grande maioria dos leitores destas minhas palavras argumentará imediatamente com o exemplo dos campistas, dos banhistas e dos exibicionistas. É verdade, de facto, que estes também usam o calção quando muito bem entendem e não se sentem envergonhados, pelo menos aparentemente. Essa razão, portanto, terá sido verdadeira quinze ou vinte anos atrás. Talvez. Mas outra razão «ridícula» — nós, Portugueses, sempre tivemos horror ao ridículo, tanto, tanto, que até por isso somos ridículos sem o notarmos — são os fins, as normas e a moral do Escotismo, neste Mundo — para não dizer País — alucinado pelo ié-ié e outras modas quejandas. O trabalhar por uma causa elevada como é o Escotismo, torna os respectivos «operários» semelhantes a um D. Quixote dos nossos tempos, lutando com «moinhos de vento» que são os muitos preconceitos a que nós estamos arreigados, pelo menos, no subconsciente ou na mentirosa declaração de que somos superiores à opinião dos outros.

O Português, sentimental e piegas por natureza, sente a necessidade de que se faça algo pela Juventude, mas aquelas razões, directamente ligadas ao comodismo que não é de hoje, muito embora reconheça que poderia ser precisamente pelo Escotismo o melhor auxílio a dispensar a essa Juventude, leva-o a uma atitude de expectativa e ao princípio do «deixa que os outros o façam».

Estas as principais razões, aliadas ao egoísmo da época em que vivemos. Pelo menos, na minha modesta opinião.

— Porque será que o Escotismo não atingiu ainda em Portugal o desenvolvimento que alcançou noutros países?

2 — Deixar as coisas como estão, **não.** Tentar uma mobilização de esforços, julgo que será pouco, tanto mais que essa mobilização irá atingir certamente os mesmos «teimosos» de hoje, que são bem poucos. O que parece necessário, para dar incremento aos Escoteiros de Portugal, é, sim, uma mobilização de boas vontades, mas daquelas que hoje estão situadas fora das fileiras da A. E. P. E não desejamos referir-nos apenas aos «Antigos Escoteiros», mas a todas as individualidades que, pela responsabilidade dos lugares públicos que ocupam; pela inteligência de que são dotados; pelo lugar de educadores que desempenham na Sociedade; pela facilidade com que podem conhecer o Escotismo e o seu verdadeiro valor — jamais poderão ou deverão negar qualquer auxílio ou colaboração que lhes sejam solicitados.

Creio que é a falta de iniciativa que tem feito com que a A. E. P. estagne e não progrida, após vencida aquela barreira que foi a crise que soube vencer e já passou.

Esse apelo a que me referi não tem sido feito. Porquê? Certamente por falta dos elementos directivos e responsáveis da A. E. P. Por falta de boa vontade? Certamente que não, mas por ausência de qualidades para o desempenho das funções que aceitaram desempenhar e que não têm a coragem de reconhecer não estarem à altura para o lugar que ocuparam ou ocupam. Claro que não desejo ferir seja quem for, nem atingir A ou B. Falo na generalidade e no conhecimento directo que tenho dos indivíduos que vi passar por lugares de responsabilidade durante cerca de trinta anos em que tenho acompanhado a vida da Associação. Não posso esquecer, pois seria ingratidão, os tempos quase áureos que a A. E. P. viveu quando teve à sua frente o nosso bom companheiro, Eng.º Jorge Pereira Jardim, pelos esforços que desenvolveu e pela simpatia que irradiava junto dos rapazes — um verdadeiro **Chefe** do qual tenho muitas saudades — e desse tempo também; cumpre também evocar o actual Chefe Geral, Comandante Tengarrinha Pires, que muito tem trabalhado para o engrandecimento da A. E. P. mas que teve a grande infelicidade de surgir no momento mais crítico da vida da Associação. Que teria ele conseguido se aparecesse ao mesmo tempo que o Eng.º Jardim? Também o Eng.º Nobre Santos é digno de citação especial pelo muito que tem «carolado» e tem contribuído para que aquela centelha que dá vida à A. E. P. se não extinga. Mas este que seria se lhe faltasse o Ernesto Nascimento, a verdadeira alma da A. E. P. e da Fraternal? Certamente soçobraria e desanimaria, como possìvelmente aconteceu a outros que se sentiram isolados.

Mas todos os citados e os que ficaram por citar — estes que me perdoem mas não é por mal que os não menciono, mas apenas por efeito do calor e do cansaço que já se faz sentir — trabalharam isoladamente, ao ponto de terem que fazer tudo por todos, o que é humanamente impossível.

Não me refiro aos Presidentes que têm passado pela Associação, pois estes apenas puderam desempenhar as funções, na medida que a Direcção lhes proporcionou, pois todos nós sabemos que aquele lugar, além do apoio moral ou material que pode dispensar, é mais uma figura decorativa do que de trabalho. Mas um facto recente, passado com rapazes aqui de Benguela, levam-me a afirmar que o nosso actual Presidente é Homem para resolver os problemas que lhe sejam apresentados. Ter-lhe-ão apresentado a verdadeira situação da A. E. P.? Mas — o que é ainda mais importante — ter-lhe-ão apresentado sugestões realizáveis para pôr fim à crise? Duvido.

«SEMPRE PRONTO»

3 — Creio que se o Director do «Sempre Pronto» não tiver a amabilidade de resumir as ideias expostas, terá de publicar este depoimento em folhetins.

Por já ir mais longe do que inicialmente previra, vou procurar ser mais breve neste terceiro ponto.

Poderia resumir mesmo a resposta a três simples palavras: Sangue, suor e lágrimas. A primeira, em sentido figurado, refere-se à coragem, àquela alma que nos circula nas veias e nos transmitem aquela teimosia, aquele querer, que nos leva a manter no Ultramar. A segunda, o trabalho, a iniciativa, o esforço a desenvolver para «levar a carta a Garcia». A terceira, o desgosto de não ter sido possível realizar tudo quanto desejaríamos, não por ausência das duas primeiras, mas apenas por não termos capacidade para mais, o que não é culpa nossa.

Como medidas práticas, torna-se necessário mobilizar a influência e boa vontade, ainda por manifestar, que se encontram nas individualidades referidas em 2.º; criar um escol de chefes actualizados e devidamente seleccionados, que a par da boa vontade e interesse possam pela sua acção e missão dignificar o Escotismo e em especial a A. E. P.; dotar os cargos directivos com indivíduos que, ao assumir a responsabilidade do desempenho das funções, apenas tenham em vista cumprir, para o engrandecimento da A. E. P. e não o objectivo de dar ar à pluma do chapéu que o cargo de dirigente lhes confere. Por outras palavras, que não tenham em vista, apenas, a satisfação da sua vaidade pessoal.

Aqui em Angola, como aí na Metrópole, sempre que da minha parte houve a iniciativa de abordar individualidades, oficiais ou particulares, em nome do Escotismo, jamais ouvi um não. Há, pois, que fazer algo com a certeza de que sempre se terá um sim. E quando houver um não, que ele sirva de incentivo para procurar o sim ou corrigir o erro que possìvelmente tenha sido cometido.

E embora o que fica não seja tudo, hoje quedo-me por aqui, com pena de não me ser possível transmitir tudo o que me vai pelo pensamento, mas muito especialmente o que me vai na alma, quando abordo os problemas da A. E. P.

Um grande abraço do muito dedicado e grato

António Augusto da Silva e Cunha

O CHEFE DO GRUPO DEVE SER PESSOA DIGNA E ENSINAR PELO EXEMPLO — AFIRMA O ESCOTEIRO-CHEFE ANTÓNIO BARBOSA, DA CAPITAL DO NORTE.

Este depoimento no inquérito de «Sempre Pronto» é mais um desabafo do chefe de um grupo de escoteiros do que uma resposta objectiva aos quesitos formulados. No entanto, estão aqui postos problemas que merecem discussão. Vamos mesmo ao ponto de afirmar que este depoimento responde indirectamente à primeira pergunta e dá-nos uma justificação clara para o enfraquecimento e mesmo desaparecimento de tantos grupos de escoteiros. Talvez este depoimento suscite ao estimado leitor algumas pertinentes objecções. Pois faça o favor de no-las transmitir em carta sucinta.

1.º — Antes do mais, lembro que, no meu tempo de meninice o Escotismo em Portugal estava no auge, não se falando de outra coisa e que, só depois da fundação da Mocidade Portuguesa o escotismo foi decaindo gradualmente. Será que a criação do tal Movimento Juvenil — a M. P. — contribuiu em muito para o abaixamento do Escotismo? Em parte julgo e estou certo que sim, como também de uma infinidade de coisas que colaboram para a deficiência do Movimento no nosso País. E cada vez mais se agrava a situação. Perguntarão: porquê? É fácil explicar: a Radiotelevisão veio estorvar em muito o trabalho dos grupos de escoteiros. O chefe do grupo tem que ter a preocupação de alterar os dias das suas instruções. É que todas as semanas existem programas na televisão que despertam a curiosidade da classe jovem. É um filme do «Santo», do «Dangerman», do «Baron», do «Mr. Sollo» e de outros tantos filmes a «Bonanza» e um desafio de futebol, etc., etc., que todos os rapazes e até gente grande gosta de ver e de viver. Se esse filme ou esse documentário calha em dia de instrução no grupo, adeus instrução porque os escoteiros não aparecem.

— Parece-lhe que se deveria tentar uma mobilização de esforços para dar incremento aos Escoteiros de Portugal ou será preferível deixar as coisas como estão?

Outra: já se via nos nossos tempos garotos de 12, 14, 15 e 16 anos a jogar bilhar? Claro que não. Mas a verdade é que hoje verifica-se isso todos os dias nos salões de café, possuidores de bilhares. E é vê-los com que animação estão para ali horas e horas a carambolar. Eu, com 44 anos, não sei jogar bilhar, mas se perguntar a um jovem como se joga é um «regalo» ouvi-lo dizer como é e como não é, como se faz e como não se faz. E os bailaricos? Outra desgraça dos tempos modernos. Hoje, para se encontrar um rapaz, nada mais fácil que o encontrar num bailarico organizado no seu bairro ou em qualquer outro porque é coisa que não falta em qualquer lugar. Que prazer de «meninos» vê-los com uma trunfa a tapar-lhes os olhos e o pescoço nesses antros de podridão. Se há um ou outro Pai que os castiga por tal motivo, é dito e feito que o «menino» desaparece de casa e vai juntar-se a outros da sua igualha. Mais: Os desafios de futebol entre juvenis e juniores. Outra arrelia constante para os Chefes dos Grupos. No meu caso, por exemplo, um doente do coração, que por ordem médica, já devia há muito estar afastado das lides escotistas, desloco-me muitas vezes ao Grupo para dar a necessária instrução, quando na verdade não aparece vivalma para essa instrução. Pergunta-se ao rapaz por que faltou. Resposta: *Houve treino no «Salgueiros»; «tive jogo», tive treino do Porto ou no Progresso, etc., etc.,*

Zango-me, ralho com eles, digo-lhes que ou Escoteiros ou futebol, faço-lhes sentir do mau caminho que trilha e de outras tantas misérias que podem encontrar com o seu proceder. E que acontece? Desaparecem do grupo; não pagam as quotas; levam o uniforme que pertence ao grupo e depois para o receber é o bom e o bonito.

Para quem ama o escotismo e não quer ver o seu grupo falhar, desculpa uma, duas, três e quatro vezes. Que se adianta? Nada. São aborrecimentos constantes, porque dizem os nossos «maiorais» que um Chefe tem por obrigação de conduzir o seu Grupo pela boa conduta e disciplina e depois «reparam» porque o Grupo com tantos elementos só apresentou tantos. Se os escoteiros falham, que culpa têm os chefes? Bater? Fazer queixa aos papás dos seus «meninos»? Grande

Continua na pág. seguinte

O inquérito de «Sempre Pronto» DOS AÇORES

Continuação da página anterior

tolice. Só vejo uma possibilidade e alguns Grupos podem fazer melhor que o meu qualquer coisa. São os grupos que estão instalados nas igrejas e se os Chefes são padres ou pastores. Aí sim, verifica-se uma maior união por que, lá está, o paizinho ou a mãezinha a receber as queixas dos chefes dos grupos, porque os mesmos são padres ou pastores e então «ai» rapaz se não cumprires as tuas obrigações. Mas mesmo assim, julgo haver poucos grupos com essa possibilidade ou então só têm 10, 13 ou 16 escoteiros ao todo.

Dirá quem me ler: «Mas se então no seu grupo os escoteiros faltam por qualquer dos motivos apresentados, rua com eles, por que esses não servem para escoteiros!» Pergunto: e porque não? Acaso o escotismo não se criou, para quem dirige, ensinar, burilar o carácter do rapazito? Formá-lo homem para a prática do Bem? Torná-lo digno da Sociedade? Procurar fazer dele um bom chefe de família? Não foi na verdade o que Baden-Powell procurou fazer da juventude? Não foram na verdade os ensinamentos que Baden-Powell deixou cá na terra? Ter escoteiros bons, cheios de qualidades e de virtudes, facilita imenso o trabalho do Chefe, mas desprezar aqueles que na verdade mais precisam não é escotismo, não é de Escoteiros.

Eis algumas razões por que o escotismo entre nós não pode singrar. Enquanto no meu tempo de meninice olhava para o Chefe como um Pai — e nisto estava a educação de antigamente — hoje os nossos escoteiros — não digo todos, porque então seria a falência total do escotismo — olham para nós com um ar de «gozo» quando são admoestados.

2.º — Tem-se debruçado a A. E. P. sobre uma enorme série de trabalhos para melhoria dos ensinamentos aos rapazes, mas, para mim, tais esforços serão sempre baldados por motivo da classe jovem já não estar interessada. Para eles há coisa muito melhor que o escotismo. Para eles há coisa muito melhor para distracção. São nessas infinidades de coisas que atrás me referi que o Escotismo nunca mais poderá seguir adiante. Tenho-me referido muitas vezes ao esforço que os Chefes dos Grupos fazem para poder manter os seus grupos a trabalhar, tenho-me referido igualmente ao sacrifício enorme que os Chefes dos Grupos passam para que os seus rapazes continuem no Movimento. Se os Grupos fossem ricos e pudessem dar um salário aos seus escoteiros, acreditem que não faltavam rapazes!...

Vejo correr muita tinta, vejo correr muita fita de máquina, mas não basta. Para mim falta o melhor. Os rapazes. Aqueles que são as pedras basilares dos grupos, aqueles sem os quais o grupo não pode viver nem se pode erguer. Esses sim, esses é que devem ser amparados e o Chefe do Grupo tem de ser pessoa digna e deve ensinar pelo exemplo. Todo o Chefe de grupo deve ter sempre presente a «Lei do Escoteiro» e deve ensiná-la cumprindo-a também. Não importa saber fazer muitos nós; não importa saber fazer muito morse e homógrafo; não importa saber fazer muito de sapador; não importa saber fazer muita orientação; não importa saber fazer muito de tudo quanto está escrito nos regulamentos, mas sim o que importa e isso é de primordial importância no escotismo é que a sua moral seja bem formada.

— Que medidas sugere para sair do letargo em que o Movimento se encontra?

3.º — Uso de uma doutrina que embora vá talvez ao contrário às ideias de alguns Chefes sei que é boa e que por isso mesmo o meu «4» continua — com sacrifício meu, claro — gozando de uma óptima camaradagem e que por isso mesmo ainda vive e está dentro dos 500 que dizem existir na A. E. P. Quanto a medidas, acho que devíamos vir mais ao encontro uns dos outros, cultivando-nos e disciplinando-nos em primeiro lugar. Criarem-se umas Escolas de Chefes, mas de rapazes com os seus 20 a 30 anos. Os velhos, como eu, já não dão conta do recado. Mas mesmo esses novos, antes de serem chefes, devem ser vigiados sabendo-se da sua conduta moral e se terão espírito de sacrifício. Saber-se das necessidades dos Grupos, procurando dar-lhes um melhor conforto e não obrigações. Reformar antes de tudo também os uniformes dos escoteiros e lembrarem-se que o ano de 1800 e 1900 já passou há muito. Hoje os garotos querem calças compridas. Porque não lhas dar? Hoje, gostam mais da boina do que do chapéu porque, dizem, torna-se mais prático. Também acho que sim. Porque não uniformizar os escoteiros como a Mocidade Portuguesa? Porque Baden-Powell escolheu assim? Já disse que o ano de 1800 já vai longe. Porque não se criar nos Grupos jogos e divertimentos, como o *pingue-pongue* e outros. Pode-se criar, dizem, mas o dinheiro? Serão ainda desta vez os «carolas» dos chefes, os escravos, que terão que procurar esse conforto para o rapaz? Porque não subsidiar os grupos com alguns tostões para esse efeito? No meu grupo, depois de se pagar a renda e a electricidade, o saldo pouco dá para ouvir tocar um cego. Que dizem? Que facilidades dão aos Chefes dos Grupos? Trabalhos? Só? Não chega. Dizem e eu bem compreendo. A Associação não pode. A Associação é pobre. Sabe-o Deus todas as dificuldades e por isso mesmo que havemos de fazer? Continuar no mesmo ritmo e procurar-se, ao menos, que a A. E. P. não morra e que com o decorrer dos anos, procuremos vingar-nos de todos estes contra-tempos. Só digo uma coisa. É que não há Chefes maus e que não há rapazes maus e para os rapazes é que dirijo este meu apelo. Que se dediquem mais aos seus Grupos. Que se dediquem mais aos seus Chefes porque tudo quanto estes dizem, fazem ou aconselham é para seu bem, para bem da Juventude Portuguesa, para bem da sua própria existência.

Porto, 20 de Dezembro de 1966.

ANTÓNIO BARBOSA

Chefe do Grupo n.º 4 da A. E. P.

38.º Aniversário do Grupo n.º 80 — Ponta Delgada

Realizou-se no passado dia 26 de Dezembro, na sede do Grupo n.º 80, uma sessão comemorativa do 38.º aniversário daquela unidade dos Escoteiros de Portugal.

Com todos os escoteiros em formatura, o subchefe José Manuel Macedo proferiu uma palestra em que realçou o significado daquela sessão e distinguiu alguns elementos que mais se evidenciaram nas actividade do último ano.

Procedeu-se depois à cerimónia do compromisso de honra de mais dois aspirantes. O Chefe do Grupo, sr. Fernando Soares de Macedo, saudou todos os escoteiros e suas famílias, agradecendo a comparência naquela simples mas significativa festa do 38.º aniversário do grupo.

O Chefe entregou ao Guia da 1.ª Patrulha «Senior», a taça «Sempre Pronto», por ter sido a melhor patrulha do Grupo.

O Chefe Macedo nomeou para Chefe de Secção o guia Floriberto Correia de Melo. No final, todos os escoteiros abraçaram o seu novo chefe, que teve o justo prémio da sua dedicação e exemplar procedimento no grupo e na sua vida particular. O Chefe também fez a entrega do cordão de mérito de seis insígnias de capacidade ao subguia da 1.ª Patrulha «Senior», Eduardo Manuel Soares Macedo.

Foram projectados filmes cómicos e de desenhos animados. A sessão foi encerrada com um Porto de Honra, em que se fez ouvir a orquestra do Grupo.

J. M. Macedo

BOA VONTADE

Continuação da pág. 1

a existência de má vontade. E parece até que o convite para um dia de Boa Vontade significa o reconhecimento de que essa disposição de espírito nem sempre possa estar patente. De facto, há muitos homens de flagrante má vontade, gente devotada ao mal, que sente um prazer demoníaco quando indefere, dificulta, prejudica, contraria, produz sofrimento. Encontramo-los por toda a parte. Nos postos de comando e no desempenho de missões modestas. Somos forçados a conviver com eles, a suportar as suas incompreensões, o seu olhar insolente, as suas manifestações de mau génio. Tanto pode ser o bilheteiro que desnecessàriamente nos faz esperar; o varredor da rua que impele o lixo para nossos pés; o polícia que força a multa; como o funcionário que complica o deferimento; o patrão que recusa a justiça; o estadista que ignora o povo humilde e laborioso. Um só homem de má vontade pode perturbar o funcionamento de uma escola, de uma oficina, de uma colectividade e até de uma cidade. Pode mesmo incendiar o mundo. O que pretende é impor os seus caprichos, alimentar os seus privilégios. Não compreende, não facilita, não ensina, não tolera, ocupa mais espaço do que lhe é reservado. Ainda mesmo se as circunstâncias o forçam a estender a mão, fá-lo tão contrariado que o contacto queima, fere. Na origem de todos os atritos, de todos os aborrecimentos, de todas as guerras, vamos sempre descobrir o homem insensível, de coração duro, cuja face nunca se ilumina pelo sorriso franco.

Bem-aventurados os pacificadores — os homens de Boa Vontade — diz o Evangelho. São eles que promovem os caminhos do bom entendimento, da fraternidade humana, que procuram facilitar a vida do próximo. Fomentam felicidade em sua volta, informam com simpatia, esclarecem avisadamente, dão deferimento com presteza, estendem a mão para ajudar a subir, oferecem o lugar, apontam o caminho seguro. É muito agradável reconhecer que também se encontram homens de boa vontade por toda a parte. O povo na sua sabedoria, embora irreverente, diz que *é preciso ter um amigo ainda que seja no inferno.* São «inferno» todos os cantos do mundo aonde tantas vezes somos levados pelas contingências da vida: o hospital, a repartição, o tribunal, a terra estranha e difícil, onde o homem de boa vontade, o amigo de toda a gente, estende o braço para ajudar a curar a ferida, a solucionar o problema, a despachar a pretensão. Os tremendos problemas que afectam os povos só serão resolvidos se as nações tiverem a dita de encontrar homens de boa vontade a reger os seus destinos.

O homem de boa vontade é, afinal, o estimado leitor, se deixou penetrar a sua alma pelos ideais escoteiros e está *sempre pronto* para fazer a boa acção, auxiliar o mais fraco, socorrer o aflito. Para si todos os dias deste Novo Ano serão dias de autêntica Boa Vontade e sentir-se-á feliz na medida exacta em que promover felicidade em sua volta.

UM MAGO DO CINEMA

Continuação da pág. 2

morria outro seu pai, aquele que lhe iria insuflar vida em imagenm

Com os seus filmes encantados, quer exclusivamente em desenhos animados, quer em cinematografia real da vida (como na transposição para a tela das «Vinte mil léguas submarinas»), Disney condenava implìcitamente a brutalidade e a estupidez da grande maioria dos *westerns,* deseducativos de todos os pontos de vista, por apenas exaltarem o herói da força, tantas vezes posta na prática do mal.

Devotado às crianças, foi sua a ideia da «Disneylândia», espécie de vasto parque de diversões no sul da Califórnia, que se preparava para repetir na Flórida distante.

A arte de Disney já ninguém a pode esquecer, e no coração de todos os jovens está gravada a imagem do famoso «Rato Mickey», campeão da Justiça e símbolo eterno de Walt Disney e dos seus *cartoons.* E o «Pato Donald», os «Três Porquinhos» levianos sempre em luta com o antipático «Lobo Feroz» sempre vencido, o cão «Pluto» e toda a galeria inesquecível que enche os seus filmes, são figuras que uma vez conhecidas na infância acompanham o homem pela vida fora.

Por se ter reconhecido o alto valor educativo e moral da obra deste Mago do Cinema é que em Maio passado na Argentina se iniciou uma campanha nacional para se pedir a concessão do Prémio Nobel a Walt Disney pela sua defesa dos valores espirituais expressa na sua mensagem de paz na nossa era convulsionada.

Foi pena que tal campanha não tivesse conseguido que a Disney fosse atribuído esse prémio cobiçado e consagrador antes da sua morte. Mas no coração do grande cineasta deve ter calado mais fundo o amor de todas as crianças do Mundo pela sua obra, consagração de mais vasto alcance e significado do que os milhares de coroas suecas em que se traduz o encantado prémio.

Já era adulto quando os *cartoons* de Walt Disney começaram a correr mundo. Não pude, por isso, senti-los com alma de criança. Pude contudo observar nos meus filhos a reacção entusiástica dos seus desenhos e a curiosidade com que liam as legendas nas revistas em que as publicavam.

Pessoalmente, e à parte o elevado significado das histórias narradas por Disney, apreciei sempre imenso a sua arte de desenhador, verdadeiro criador no seu género e que jamais foi ultrapassada. A maravilha de *Fantasia,* a despeito de algumas críticas feitas por discordância com a aliança de sinfonias célebres e desenhos animados, ficará para sempre como obra-prima inultrapassável.

Evocando o espírito gentil desse homem de génio, que tanto amou a Criança, porque sobretudo amava o Homem, eu desejaria que os jovens portugueses jamais lhe esquecessem o nome e, acima de tudo, quando adultos se esforçassem por lhe penetrar o alcance da obra e a procurassem compreender no seu profundo significado.

Faz bem, nesta hora torva, saber que houve alguém que não pregou ideias de ódio e de morte e se esforçou por insuflar no coração das crianças ideias de Bondade e de Amor, para que um dia a Paz possa de facto reinar na Terra entre os «homens de boa vontade».

António Álvaro Dória
E. C. D.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

De luto — Endereçamos as nossas mais sentidas condolências ao nosso prezado amigo e assinante Sr. Manuel Gonçalves Rodrigues, chefe-geral para a Expansão do C. N. E., pelo lamentável falecimento de sua filha de 36 anos de idade, Sr.ª D. Maria Celina Gonçalves Rodrigues, enfermeira da Cruz Vermelha.

Doente — O Sr. Dr. Francisco de Sousa Dias, activo Chefe Regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas, deu entrada em princípios deste mês no Hospital da Ordem Terceira em Lisboa, onde foi submetido a uma operação de urgência, que decorreu bem.

Endereçamo-lhe os nossos cumprimentos com votos de pronto restabelecimento.

Se o prezado leitor pedir a um seu amigo para assinar «Sempre Pronto», tenha a certeza de que ele terá muito prazer em anuir ao seu pedido.

SEMPRE PRONTO

Número 261

Janeiro de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Posto de observação

EXEMPLO

Se por vezes condeno os processos seguidos pelos chamados homens do Desporto, ou me insurjo com as cenas desagradáveis que a paixão doentia do futebol insistentemente nos oferece, não quer isto dizer que não reconheça as excepcionais virtudes daquele ou não aprecie este como espectáculo movimentado e viril que é, sem dispensar algo de arte e destreza física na acção dos seus intervenientes.

Ninguém estranhará pois que, dentro da modéstia que caracteriza estas linhas, junte a minha homenagem às imensas manifestações que têm rodeado um infortunado profissional do futebol, Vicente Lucas da Fonseca, modelo de correcção e dignidade.

Faço-o consciente das responsabilidades de «Sempre Pronto» perante os seus jovens leitores, a quem apontamos Vicente como exemplo de verdadeiro desportista, homem que fez do futebol a sua profissão sem profanar as virtudes do Desporto, antes, cultivando-as numa demonstração de raras qualidades morais, pouco vulgares no seu meio.

Espírito modesto, jamais se perturbou com os fumos da glória a que o guindou o seu excepcional valor como praticante, pondo sempre um travão de simplicidade à exaltação que habitualmente rodeia os melhores futebolistas.

A lição de boa vontade e camaradagem que durante anos Vicente espalhou por toda a parte foi desta vez aprendida pelos homens do Desporto que, pondo de lado divisões e ódios, se juntaram numa manifestação de bom companheirismo para darem algo de boa vontade, mas mais talvez para reconhecerem pùblicamente as muitas e valiosas lições recebidas de um jovem modesto, que nunca separou os deveres da profissão das virtudes do desportista.

Mais do que o infortúnio que o obriga a separar-se da sua profissão é a sua inegável estatura moral que me leva a apontá-lo aos jovens como exemplo do homem que fez da actividade desportiva um modo de vida e uma profissão digna como qualquer outra.

M. G.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

PASSAGEM DO ANO

Os escoteiros do Grupo N.º 60, realizaram a tradicional reunião de fim de ano.

Apurada a pontuação do Concurso «A Melhor Patrulha», foram entregues à Patrulha Lobo os prémios correspondentes, que constaram de um galhardete, de espias e utensílios de cozinha.

Procedeu-se depois ao Compromisso de Honra, recebido pelo Chefe do Grupo, dos aspirantes Jacques Manuel Gomes, que ingressou na Patrulha «Lobo» e José António Lopes de Brito, que ingressou na «Poupa». Os novos escoteiros foram recebidos pelos seus colegas com as usuais canções e saudações.

IMPRENSA

«Diário de Notícias»

Entrou no 103.º ano de publicação, em 28 de Dezembro p. p., o nosso prezado colega «*Diário de Notícias*».

Felicitámos, por este acontecimento, o seu director, sr. Dr. Augusto de Castro, e bem assim todos quantos trabalham neste importante diário lisboeta.

«O Primeiro de Janeiro»

Endereçamos cordiais saudações a todos os que trabalham no prestigioso órgão da imprensa diária da Capital do Norte «*O Primeiro de Janeiro*», que no início do ano em curso completou 98 anos de existência.

Distinguimos, de uma forma muito especial, o sr. Manuel Pinto de Azevedo Júnior, seu ilustre director.

«O Século Ilustrado»

Também este importante semanário, sob a digna direcção do sr. Dr. Francisco Mata, completou na mesma data mais um ano de existência — o 30.º.

Aproveitamos a passagem dessa feliz data para dirigirmos saudações aos obreiros do importante hebdomadário lisbonense.

«O Século»

Igualmente «*O Século*», jornal diário lisboeta de grande informação, que ao movimento escotista tem dedicado uma muito particular atenção ao longo dos seus 86 anos de publicação, teve o seu aniversário no dia 4 do corrente.

Felicitamos vivamente todos os que naquele diário trabalham e, em especial, o seu digno director sr. Guilherme Pereira da Rosa.

«República»

Em 15 de Janeiro corrente, também completou 56 anos de existência o vespertino «República», que se publica em Lisboa. Ao seu director, sr. Carvalhão Duarte, bem como ao director-adjunto sr. dr. Alfredo Guisado, e a todos que ali trabalham dirigimos as nossas felicitações.



Humberto Gomes de Freitas

Faleceu na ilha da Madeira, no dia 29 de Dezembro último, o nosso dedicado assinante e colaborador sr. Humberto Teodoro Gomes de Freitas, telegrafista do aeroporto local, antigo dirigente escoteiro e chefe dos grupos n.ºs 23 e 24 do Funchal. Gomes de Freitas era um idealista, cultivava com grande entusiasmo o esperanto e a filatelia e foi agente de ligação no Funchal dos Escoteiros do Alto Mar, mantendo assídua correspondência com dirigentes escoteiros em diversos pontos do Mundo.

«Sempre Pronto» recebia continuamente revistas e jornais que nos mandava com notícias do Escotismo, procurando ajudar-nos com o seu estímulo e sugestões.

O extinto, que contava 65 anos de idade, era casado com a Sr.ª D. Elisa Pita de Freitas, fora operado em Lisboa no verão passado, mas a doença não o poupou, tendo sido a sua morte muito sentida.

A sua viúva, apresenta «Sempre Pronto» sentidas condolências.

Francisco Rodrigues

Em princípio do mês corrente, foi a enterrar o nosso antigo e dedicado assinante sr. Francisco Rodrigues, funcionário de um conhecido corretor da Bolsa de Lisboa e grande entusiasta de todas as obras devotadas ao Bem, particularmente a Aliança para a Evangelização de Crianças.

Não sendo Escoteiro, era no entanto um grande amigo de «Sempre Pronto», que assinava desde os primeiros anos.

A sua viúva e filha endereça «Sempre Pronto» pêsames muito sentidos.

DE SINTRA

Festa de Natal no Grupo n.º 93

Em 18 de Dezembro passado, os dirigentes e escoteiros do Grupo de Sintra reuniram-se na sua sede para uma festa e chá de confraternização. Na sala do grupo viam-se um presépio e uma árvore de Natal, tendo-se procedido à distribuição dos prémios aos vencedores do curso inter-patrulhas de 1966.

Estiveram presentes membros da Direcção do Grupo e famílias de escoteiros, especialmente muitas senhoras.

Também a exemplo do que se tem feito em anos anteriores e graças à benemerência do Presidente do Grupo, Sr. Manoel de Mattos, os escoteiros distribuíram pelas residências de 26 necessitados pacotes com géneros de mercearia no valor de 1.300$00.

Divisão Lobito

Está em organização neste grupo a Divisão Lobito, tendo sido convidada uma jovem para Aquelá. Esperamos que esta Divisão venha a constituir um forte apoio do «93».

Comemoração da Batalha de «La Lys»

No dia 9 de Abril, mantendo uma tradição dos escoteiros de Sintra, projecta-se uma excursão à Batalha, para homenagem ao Soldado Desconhecido Português. O Grupo 93 tem já assegurada a colaboração da Fraternal e de algumas unidades escoteiras.